

Portuguese A: literature – Higher level – Paper 1
Portugais A : littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1
Portugués A: literatura – Nivel superior – Prueba 1

Wednesday 10 May 2017 (afternoon)
Mercredi 10 mai 2017 (après-midi)
Miércoles 10 de mayo de 2017 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

Instructions to candidates

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

Instrucciones para los alumnos

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária de **um** dos seguintes textos:

1.

Simplicidade

Chove. Sombra e silêncio. Que saudade
no coração vazio...
Há na minh'alma a dúbia claridade
deste dia sombrio.

5 Pelos úmidos vidros das janelas,
baços pela friagem,
vejo a dança das folhas amarelas,
ao balanço da aragem.

10 Acaso eu amo, para sofrer tanto
esta mágoa profunda?
E olho cair a chuva, como o pranto
que meus olhos inunda.

15 A alma, deserta. A estrada, erma e tristonha.
E recordo o passado,
No vago misticismo de quem sonha
um sonho abandonado.

20 Invade-me a tristeza, indefinida,
que paira no ar, lá fora,
Penso numa mulher, quase esquecida,
que muito amei outrora.

A ária da chuva, trêmula, de leve,
tamborilando, passa,
e, docemente, a minha mão escreve
um nome na vidraça.

25 Brilham as letras, vivas, irisadas
de efêmeras cambiantes,
mas, em pérolas finas transformadas,
escorrem gotejantes.

30 E o coração, no cárcere do peito,
ouço, de quando em quando,
soluçar, vendo, em lágrimas desfeito,
esse nome chorando...

35 Fria, de cada sílaba pendente,
uma lágrima desce...
E eis que o nome se apaga lentamente:
Por fim, desaparece.

40 Tudo, tudo na vida brilha e passa,
miragem de um momento,
dando a impressão de um pouco de fumaça
sobre as asas do vento.

Tu és como este céu, cinzento e triste,
ó minh'alma viúva!
Tens a mesma tristeza que sentiste
na música da chuva.

José Martins Fontes, *Verão* (2012)

2.

Dança

Acordava no poço da noite com o coração enforcado naquela frase.

—Entrar em ti e dentro de ti ver o mar.

O ruído dos aviões já não a despertava. Habitara-se. Gostava do som dos motores no céu, provocava-lhe uma sensação de liberdade. Vivia no extremo onde nada evolui. Existe
5 um momento em que o amor deixa de ser uma narrativa e se imobiliza. Tentara livrar-se da frase apagando o homem que a proferira. Mas a água do amor foge e volta, pesada, carregada de restos. Sem o amor que continuava a boiar naquela frase, Rosa não seria capaz de fazer tudo o que fazia, mesmo que nunca mais tornasse a ver o homem que o aticara. Toda a sua
10 acção era o sinal de que os dois estavam ainda no lugar desenhado pela frase, que aquele amor estava vivo. Paralisado, mas vivo. Aquele amor empurrara-a para o fado, a noite, a prisão. Devia demasiado àquele amor de nada.

Um metro por um metro – era esse o espaço da dança. As prisioneiras resistiam à violência da esperança que a música sempre arrasta. Sonatas e canções fixavam-nas ao
15 banho de sol. De início, Rosa pensou que as seduziria através da suavidade da melodia. Que as mulheres enjauladas sentiriam falta dessa mansidão. Que agradeceriam o intervalo do ruído das grades metálicas, do chocalhar dos chaveiros das guardas prisionais.

Rapidamente percebeu que o barulho do cárcere se sobrepunha ao das notas de música. Na prisão o silêncio não existe. Os passos, os gritos, o metal, tudo é constante. Só
20 baterias e percussões fortes teriam a capacidade para o anular. Se queria que as mulheres acessem a prescindir de uma hora de sol para trabalhar o corpo, Rosa precisava de lhes fornecer ritmo e raiva. Não alegria. Como se sobrevive quando acaba o mergulho na alegria?

Talvez fosse possível inventar com elas uma espécie de alegria que não desaparecesse no fim da dança. Se dissesse isto em voz alta pareceria ingénua e desistiria mesmo antes de
25 começar. Tomava consciência do poder avassalador da ingenuidade – um poder que precisava do segredo para funcionar. Onde há segredo há uma história suspensa e vontade de a continuar.

O corpo sabe mais do que é possível dizer. Os corpos daquelas mulheres eram os últimos redutos de liberdade. Mesmo confinadas às celas solitárias – um metro por um metro,
30 sem luz. Ela iria inventar um modo de as tornar livres. Reconciliadas com o corpo, quando o mundo as quisesse castigar. E ela, por seu turno, aprenderia com aquelas mulheres a não depender de nada nem de ninguém. E a manter, ainda assim, a ideia de um sentido. Porque sem isso nada teria importância, a candura tornar-se-ia impossível, o gosto pela vida esfumar-se-ia.

Dançava desde criança, conhecia o valor da palavra equilíbrio. Fizera dele o seu ideal. O equilíbrio do corpo era o mais fácil: questão de técnica e disciplina. Aos sentimentos que
35 erravam por dentro do corpo é que não sabia o que fazer, nunca soubera: oscilava sempre entre o excesso e a escassez.

Rosa desenhou uma dança de um metro por um metro, feita de gestos precisos, lentos. Uma dança despreendida do tempo e do lugar. Uma dança sem exterior. Igual ao amor que
40 já não precisa de ninguém. As mulheres ficaram em silêncio a vê-la evoluir sob uma música líquida, dançando com os contornos do amor que a si mesmo se basta.

—Professora. Se a senhora me ensinar a dançar dessa maneira, eu já não preciso de sair daqui. Essa dança lembrou-me a única coisa de que eu tenho saudades: nadar no mar com as minhas filhas. Se eu aprender a nadar assim, fico bem aqui.

Inês Pedrosa, *Dentro de ti ver o mar* (2012)